

MUSEU E HISTÓRIA LOCAL: NOVAS PERSPECTIVAS SOB A HISTÓRIA DE ITAPURANGA

Leonardo Silva Firmino (IC)¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir e expor algumas questões relacionadas a representação da história local em Itapuranga, tomando como espaço, o ambiente escolar. O estudo segue a partir da ideia da construção de um museu e de como esse pode ser utilizado como interlocutor entre a educação formal e a não-formal. No âmbito da história do Brasil, essa proposta faz uma pequena análise na história dos museus a partir da vertente teórica que segundo os escritos de Schwarcz (1993) dão-se alguns apontamentos sobre história local em Arrais e Sandes (2014), ao esmiuçar a ideia de duas realidades tendo como pano de fundo as cidades de Goiás e Goiânia, e sobre o ensino de História, Circe Bittencourt (2010), alicerçando uma discussão que condiz com a realidade temática abordada pelo museu e pela história local.

Palavras chaves: Museologia. Educação não-formal.

Introdução

A história dos museus está ligada à história da humanidade e a história da produção de conhecimentos. Em diferentes épocas, por toda parte do mundo, existiram lugares dedicados a preservação da memória e de saberes. No Brasil, os museus do século XIX antecedem as primeiras universidades e outras instituições de educação formal, constituindo um papel importante na transmissão do saber. Com o passar do tempo foram se adaptando às novas tendências museais presentes ao redor do mundo, e com isso mantiveram-se em constante transformação.

Quase dois séculos depois da criação do primeiro museu no Brasil, hoje essas instituições encontram-se em posição de troca de experiências com a educação formal, construída num processo histórico. O jovem museu de história local da UEG Campus Itapuranga, criado em 2014 a partir da colaboração de docentes e discentes do curso de história, encontra-se inserido nesse contexto do século XXI. Desde sua criação o museu foi inserido em várias programações e eventos, principalmente nacionais, recebendo quantidade variada de pessoas às visitas guiadas, em sua maioria, crianças da segunda fase do ensino fundamental.

No acervo encontram-se abertas à visitação peças da cultura interiorana, como instrumentos rudimentares de cultivo da terra, uma coleção numismática com moedas do período Imperial, uma coleção de fotos sobre a cidade de Itapuranga, desde sua emancipação política, fotos do período do Regime Militar até os dias atuais, entre outras coleções. Mas, de todas as coleções, a que mais se destaca pelo valor histórico e pela sua idade, cerca de 880 anos são as cerâmicas indígenas encontradas na região, onde os resquícios da presença indígena já vinham sendo pesquisadas desde o final dos anos 1980 por um grupo de pesquisadores da UFG. A diferença é que as cerâmicas presentes no museu da UEG não foram encontradas nos mesmos sítios arqueológicos em que o grupo referido fez suas pesquisas, ampliando um pouco mais o conhecimento sobre a presença desses povos.

Material e Método

Nesse sentido, o museu da UEG Campus Itapuranga, com pouca experiência dentro do universo museal, enfrenta desafios a medida que inicia seus acadêmicos e professores do Campus no caminho das pesquisas relacionada aos espaços museais. Essa pesquisa consiste em duas etapas: a primeira referente a investigação teórica das discussões sobre o que é uma história passada pelos museus e como o professor de história pode usa-la como recurso metodológico dentro da sala de aula. A segunda etapa é a aplicação de um projeto junto as escolas da região com o intuito de instigar os alunos sobre a história local. Para isso serão organizados encontros mediados com os jovens com a finalidade de saber os quão inteirados eles estão sobre a história de sua própria cidade. Após isso serão organizadas oficinas sobre a história local, visitas guiadas ao Museu de História local da UEG Campus Itapuranga e ao final será proposto uma atividade com os alunos na qual eles mesmos poderão escrever o que apreenderam sobre a história de sua própria cidade.

Resultados Parciais e Discussão

O século XIX ficou conhecido como a Era dos Museus, isso se dá pela forte expansão dessas instituições pelas Américas e outras partes do mundo. Tornam-se assim respeitadas instituições produtoras de saberes científicos. De acordo com Schwarcz (1993) no Brasil esse movimento de expansão dos museus se deu principalmente em consequência da vinda da família Real para o Brasil.

Segundo Nora (1981), os “lugares de memória” são criados devido o ritmo acelerado da vida moderna e do não-compartilhamento de vivências, tradições e costumes. Construir lugares de memória para guardá-las tem o sentido de preservá-las da ameaça do esquecimento. Após a Semana de Arte Moderna de 1922 em todo Brasil cresceu um movimento ligado às questões patrimoniais. Foi nesse período de meados do século passado que foram tombadas com patrimônio cultural casas e casarões com algum valor histórico local.

A partir da possibilidade criada a partir do movimento de renovação historiográfica dos *Annales*, de uma releitura do que é uma fonte histórica, a questão patrimonial ganhou espaço, uma vez que uma estátua, uma casa, uma rua e etc., passavam a ser um precioso documento histórico e memória vida de tempos passados. Novos espaços tornam-se “lugares de memórias”. Como escreve Sander e Arrais (2014), sobre as duas cidades e de como a cidade de Goiás serviu de exemplo para a preservação da capital:

A identidade moderna do Estado desconfia da memória da decadência, esmera-se em relativizar o olhar do viajante, afirmando positivamente sua identidade em ações de valorização do patrimônio histórico na cidade-patrimônio, Goiás, e na capital, Goiânia. A cidade-museu foi reverenciada pela cidade moderna que, por sua vez, cuidou de inventariar o seu próprio patrimônio, entre as décadas de 1960 a 1980 (SANDES; ARRAIS, 2014, p.409)

Apesar do antagonismo, enquanto Goiás preserva seu patrimônio com o intuito de manter viva a lembrança dos tempos em que era capital, Goiânia tenta enaltecer o esforço e o labor que foi construir no meio do sertão do cerrado uma cidade eleita como a nova capital, as duas casas usam de seu patrimônio como forma de contar uma história. Para Meneses (2013, p.36), essa história seria uma “história comum de que fosse possível se orgulhar”.

O que foi observado ao estudar as relações das visitas guiadas ao museu de história da UEG Campus Itapuranga, é que a educação formal ganha nova perspectiva a partir da criação de um espaço que possa trilhar a história local. A educação formal pode se apropriar de elementos encontrados em um museu, como é o caso e levado para a sala de aula como forma complementar.

Considerações Finais

Com essa pesquisa esperamos conscientizar os alunos do valor da história local e criar uma alternativa para o professor de história ao trabalhar dentro e fora da sala de aula.

Agradecimentos

Somente com a ajuda e a colaboração que esse trabalho pode ser realizado, por isso em agradecimento, muito obrigado a professora orientadora Nalva Camargo, ao corpo gestor da escola onde as pesquisas aconteceram e agradecimento em especial ao apoio da Universidade Estadual de Goiás que sem ele essa pesquisa não seria possível.

Referências

ARRAIS Cristiano Alencar; SANDES, Noé Freire. A historiografia goiana entre dois tempos: Goiás e Goiânia. OPSIS v. 14, n. 1, jan./jun. 2014. *In: Dossiê 50 anos do Golpe: poder, cultura e ideologia no Brasil e América Latina*, Catalão-GO, UFG 2014. p. 399-414.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica –os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **A Exposição Museológica e o conhecimento Histórico**. *In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013: 15-88. 2013.

NORA, Pierre. **Entre a: memória e a história a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun. Disponível em :< <https://pt.scribd.com/doc/63990008/Pierre-Nora-Entre-Memoria-e-Historia>> Acesso em 15 de novembro de 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Os museus etnográficos brasileiros: “Polvo é povo, molusco também é gente”**. *In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993: 67-98.

_____. **A “Era dos museus de etnografia” no brasil: o museu paulista, o museu nacional e o museu paranaense em finais do XIX**. *In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013: 119-145.

STUDART, Denise Coelho. **Exposições participativas e educativa em museus**. Fortaleza, 2006.